

CONFIGURAÇÕES DO CAMPO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: pluralismo epistemológico e descentração interdisciplinar

Edivanio Duarte de SOUZA

Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais
Professor do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Alagoas
Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da
Informação da Universidade Federal da Paraíba, Brasil.
edivanioduarte@cci.ufal.br

Resumo

As configurações de um campo científico decorrem das condições de produção em que se inscreve e das práticas científicas nele desenvolvidas. No campo da Ciência da Informação, a epistemologia interdisciplinar se destaca, uma vez que se apresenta como um de seus principais fundamentos. Assim, busca-se compreender os reflexos dessa prática científica na consolidação do seu campo disciplinar. Para tanto, define-se como referencial teórico-metodológico a Análise do Discurso de Michel Pêcheux e como fonte material de análise 83 (oitenta e três) artigos publicados nos principais periódicos brasileiros, no período de 1990 a 2008. Considera-se que a epistemologia interdisciplinar promove o pluralismo epistemológico e a descentração interdisciplinar, que resulta em flexibilidade e alargamento do campo científico.

Palavras-Chave: Ciência da Informação. Descentração Interdisciplinar. Pluralismo Epistemológico.

EPISTEMOLOGICAL SETTINGS OF INFORMATION SCIENCE: Epistemological Pluralism and Interdisciplinary Decentration

Abstract

The settings of a scientific field arising from the conditions of production as it is part of scientific practices and developed it. In the field of information science, interdisciplinary epistemology stands out, since it presents as one of its main foundations. Thus, we seek to understand the consequences of this scientific practice in the consolidation of their disciplinary field. For this purpose, is defined as a theoretical-methodological Analysis of Discourse of Michel Pêcheux and as a source material for analysis 83 (eighty three) articles published in major Brazilian journals in the period 1990 to 2008. It is considered that promotes interdisciplinary epistemology epistemological pluralism and interdisciplinary decentration, which results in flexibility and extension of the scientific field.

Keywords: Information Science. Interdisciplinary Decentration. Epistemological Pluralism.

1 INTRODUÇÃO

As condições epistemológicas gerais da Ciência da Informação têm como referências o pluralismo epistemológico e o estabelecimento de um campo interdisciplinar, que

decorrem, em grande medida, da complexidade do seu objeto e da formação da sua comunidade científica. O desenvolvimento de suas teorias e metodologias sempre esteve, em menor ou maior grau, atrelado a campos de conhecimento com os quais busca construir constantemente interlocuções.

As pesquisas e a produção científica da Ciência da Informação têm se diversificado bastante, indo de questões empíricas a questões mais teóricas, pautadas em diferentes recortes e problemas, flutuando entre as abordagens técnica e social. Entende-se que essa flutuação, às vezes necessária, tem dificultado a construção de um estatuto disciplinar da Ciência da Informação. Da mesma forma, compreende-se que a aproximação com o social a situa efetivamente no campo das ciências sociais aplicadas, possibilitando maior clareza na definição de seus fundamentos teórico-metodológicos, conforme são aqui discutidos.

Com efeito, a análise da epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação evidencia o projeto de integração de conhecimentos, que se traduz em constante movimento multidisciplinar, promovendo permanente reestruturação do domínio de seu objeto de estudo. Ocorre que cada abordagem promove a constituição de um novo objeto de estudo para o campo de conhecimento. Não se pode perder de vista que a interdisciplinaridade representante do processo de integração exige o estabelecimento de acordos prévios nos espaços dos métodos e dos conceitos utilizados nas pesquisas, o que, em última análise, exige discussões aprofundadas em direção à obtenção de maturidade da área.

Este trabalho apresenta parte dos resultados finais de pesquisa de doutoramento que buscou analisar as implicações da epistemologia interdisciplinar no processo de consolidação do campo disciplinar da Ciência da Informação. Nesse sentido, foca basicamente em duas principais implicações, a saber, o pluralismo epistemológico e a descentração interdisciplinar.

Essas implicações são reflexos do imperialismo científico presente na configuração da Ciência da Informação, que tem dois grandes fundamentos, quais sejam, a pretensão de unidade da ciência e a colaboração desse campo científico nesse processo, notadamente, no domínio da informação. Efetivamente, na convergência entre esses dois domínios, encontra-se o objetivo de abarcar as diversas facetas do fenômeno informacional e, por conseguinte, o espectro formado por múltiplos conceitos, teorias, metodologias e correspondentes tecnologias.

2 O DESENHO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A história dos fundamentos da Ciência da Informação revela que, desde suas origens, seu percurso se assemelha, de modo geral, ao modelo de ciência social aplicada. Suas primeiras pesquisas são realizadas fortemente influenciadas pelo modelo de ciências exatas e naturais, com bases teórico-metodológicas no funcionalismo e no estruturalismo. A partir de Capurro (2003), considera-se que há um processo evolutivo, embora não linear, nas condições gerais do desenvolvimento epistemológico desse campo científico, em um movimento que parte de concepções embasadas em modelos fisicistas em direção a concepções que têm como referência as ciências compreensivas.

Essa abrangência do campo da Ciência da Informação concorre cada vez mais para a efetiva necessidade de interlocuções com outros campos afins. Por outro lado, faz-se necessário observar que a prática dessas relações interdisciplinares exige maior esforço dos pesquisadores de outros campos no sentido de produzir o que González de Gómez (2000) denominou de excedente epistemológico, ou seja, obter como excedente de suas pesquisas conteúdos diferentes daqueles advindos de outras áreas, portanto, com identidade própria.

A Ciência da Informação, nos seus projetos interdisciplinares e de consolidação epistemológica, precisa ficar atenta às possibilidades de confluências teórico-metodológicas, considerando que a constituição da identidade de seu campo só será efetivada por intermédio da construção dos excedentes epistemológicos.

2.1 PLURALISMO EPISTEMOLÓGICO

A delimitação do campo da Ciência da Informação desde os anos de 1960 tem por fundamento basicamente a definição do termo “informação” e a definição das relações interdisciplinares estabelecidas a partir do desenvolvimento de processos e tecnologias bibliográficos, documentários e informacionais. Um retrospecto pelas tentativas de delimitação, conforme realizado por Shera e Cleveland (1977), demonstra que existe uma grande quantidade de conceitos de informação, uns muito amplos e outros restritos demais.

Segundo Wersig e Neveling (1975), a Ciência da Informação não se desenvolveu apenas a partir de um ou da interseção de dois ou mais campos, mas também das exigências

de uma área de trabalho prático denominada Documentação ou Recuperação da Informação. Em que pese a influência das novas tecnologias, as contribuições para a emergência do campo vieram de diversas disciplinas. Isso se deveu em grande medida às diferentes formações das pessoas que ingressaram no campo, uma vez que inexistia qualquer sistema educacional nele estabelecido.

A essas áreas e aos seus respectivos interesses podem ser acrescentados outros apontados por diversos autores na literatura, o que só aumentaria a complexidade de compreensão do campo da Ciência da Informação. Mais que isso, há áreas de interesse de mais de um campo de conhecimento, que trabalham em um processo de justaposição, mas não promovem integração e, muitas vezes, desconhecem a área afim (SARACEVIC, 1999, 2009).

González de Gómez (2000) entende que “essa diversidade de condições epistemológicas não deve ser confundida, porém, com uma indefinição metodológica ou relativista”, na medida em que essa organização epistemológica da Ciência da Informação tem como traço identificador as Ciências Sociais, que se constituem em princípio articulador dessa multiplicidade, com fundamentos metodológicos na dupla hermenêutica.

Zins (2007a, b, c, d) inicia as análises e discussões sobre o “Mapa do Conhecimento da Ciência da Informação” afirmando que o campo da Ciência da Informação passa por transformações constantes, que impõem uma revisão periódica e, possivelmente, uma revisão de seus fundamentos. Essa recorrente constatação pode ser minimizada pelo entendimento da dinâmica da prática científica em todos os campos científicos, mas, ainda assim, mantém a identificação de um ponto de fragilidade da Ciência da Informação.

Foskett (1980) elabora uma estrutura curricular para a Ciência da Informação, que possibilita retratar o domínio epistemológico muito abrangente, evidenciando a necessidade de direcionamentos e escolhas individuais que promovam a especialização necessária. O autor destaca, contudo, a importância de se conhecer o campo de conhecimentos inteiro, ainda que de forma superficial. Apesar da abrangência dos conteúdos, a sua proposta curricular está muito centrada na profissionalização. Toda sua construção é pautada em três eixos que, nas palavras do autor, influenciam o ensino profissional: as necessidades do estudante, as necessidades do empregador e as necessidades da profissão, conforme se discute adiante.

Segundo Wersig e Neveling (1975), na Ciência da Informação, parecem existir mais pontos de vista do que pessoas que os expressam. Embora não acrescente muito discutir a sua substância, vale destacar que eles os classificaram em quatro grandes categorias: orientado ao fenômeno informacional, orientado aos meios, orientado à tecnologia e orientado aos fins. Cada um desses pontos de vista – que se desenvolvem em abordagens diferentes das questões apontadas como objeto de estudo – está fundamentado em uma visão parcial de uma área específica do conhecimento.

A pesquisa em Ciência da Informação apresentaria um problema particular que podemos identificar de modo quase imediato: Se existe grande diversidade na definição de suas **heurísticas afirmativas**, as que definem estratégias metodológicas de construção do objeto e que permitem a estabilização acumulativa do domínio, maior é a dificuldade para estabelecer as **heurísticas negativas**, as que definem o que não poderia ser considerado objeto de conhecimento da Ciência da Informação, condição diferencial que facilita e propicia as relações de conhecimento e complementaridade com outras disciplinas (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2000, grifo da autora)

Essa dificuldade de definição das heurísticas negativas apontada por González de Gómez (2000) se traduz, por um lado, em entraves no processo seletivo que compõe a base da delimitação e da construção do objeto de estudo e do campo de conhecimento, e, complementarmente, nas definições em torno da estrutura epistemológica interdisciplinar, em um constante processo recursivo.

2.2 CONSTRUÇÃO EPISTEMOLÓGICA INTERDISCIPLINAR

A definição da Ciência da Informação como campo de conhecimento tem como ponto de partida as relações interdisciplinares com fundamento em três elementos que constituem as condições de produção do seu domínio epistemológico: a dedicação de pesquisadores de diversas áreas na solução dos problemas informacionais, a conseqüente convergência dessas áreas em torno dos referidos problemas e a complexidade do objeto de estudo. Com efeito, a epistemologia interdisciplinar é muito usada na Ciência da Informação, no espaço da justificação, procurando sustentar a estrutura de conhecimento do seu campo científico.

A interdisciplinaridade, na ciência da informação, foi introduzida e está sendo perpetuada até hoje pelas diferentes experiências de pessoas que abordaram os problemas descritos. As muitas e diferentes experiências

contribuem tanto para a riqueza do campo quanto para as dificuldades de comunicação e educação. Claro que nem todas as disciplinas de onde se originam as pessoas que trabalham sobre o problema apresentam contribuições igualmente relevantes, mas sua variedade foi responsável pela manutenção de uma forte característica interdisciplinar da ciência da informação (SARACEVIC, 1995, tradução nossa)

Nesse mesmo raciocínio, outros autores, a exemplo de Pinheiro (2002), mantêm a compreensão de que a origem interdisciplinar da Ciência da Informação está relacionada à participação de especialistas de vários campos de conhecimento nas discussões dos problemas de organização e recuperação de informação.

Essas condições promovem ou, pelo menos, contribuem com dois quadros do conhecimento da Ciência da Informação já constatados em pesquisas anteriores. Segundo White e McCain (1998), a estrutura do campo da Ciência da Informação se assemelha ao mapa da Austrália, isto é, pouco desenvolvido no interior e muito povoado nas bordas. A área central concentra as pesquisas básicas e a área periférica as pesquisas aplicadas, sendo que esta apresenta maior volume de pesquisas. E, de acordo com Saracevic (1999, 2009), o seu campo é constituído por duas grandes áreas que não se inter-relacionam, apresentando grande dificuldade na integração dos elementos internos que as compõem.

Ao se localizar nas “bordas”, cada pesquisador mantém forte relação com sua área de origem, alimentando um constante processo de descentração, que, em última análise, dificulta a integração do núcleo básico do campo que se constitui em referência para as decisões em torno das construções interdisciplinares. Na perspectiva da Ciência da Informação, essas construções tornam-se, pelo menos, frágeis e de difícil consolidação. Essa estrutura interdisciplinar promove ligeira impressão de integração entre os diversos campos do conhecimento em torno da informação, mas promove e/ou mantém ainda um processo de desintegração interna já apontada por Oliveira (1998, p. 172), ao concluir que “o isolacionismo parece ser um problema a ser enfrentado pela ciência da informação, pois dificulta as trocas de ideias e o debate não só das atividades de pesquisa, mas de outras questões da área”.

Decorrente do fato de seus pesquisadores serem originários de diferentes campos do conhecimento, há uma forte tendência a trabalhar nos limites das fronteiras interdisciplinares, a partir de seus recortes empíricos vinculados ao seu campo de origem. Assim, é preciso considerar que, de acordo com Kuhn (2007), ao exercerem suas práticas

profissionais em mundos diferentes, esses cientistas vêem objetos diferentes quando olham de um mesmo ponto para a mesma direção.

A outra questão é que há na literatura uma grande diversidade de disciplinas apontadas como cooperantes com a Ciência da Informação, mas, no conjunto, algumas se destacam tanto por serem mais comuns quanto por serem identificadas como aquelas que apresentam maior nível de interação. Com efeito, essas disciplinas são, quase sempre, listadas como úteis e, portanto, colaboradoras nos estudos e processos desenvolvidos no domínio da Ciência da Informação.

Segundo Borko (1968, p. 3, tradução nossa), a Ciência da Informação “é uma ciência interdisciplinar derivada de e relacionada a áreas como matemática, lógica, linguística, psicologia, informática, pesquisas operacionais, artes gráficas, comunicação, biblioteconomia, administração e outras áreas afins”. Ainda para esse autor, ela comporta um componente de ciência pura, que se dedica à investigação do assunto sem considerar a sua aplicação, e um componente de ciência aplicada, que se atém ao desenvolvimento de produtos e serviços. A depender da formação do pesquisador e dos seus interesses, cada membro da disciplina se dedica a um e/ou outro aspecto. A definição abrangente e complicada do campo da informação decorre da complexidade e da multidimensionalidade do assunto a que se dedica.

Posteriormente, Brookes (1980, p. 128), procurando compreender os fundamentos da Ciência da Informação, esclarece que “a resposta usual é que a ciência da Informação é uma mistura peculiar de linguística, comunicação, ciência da computação, estatística, métodos de pesquisa, juntamente com algumas técnicas de biblioteconomia, tais como indexação e classificação”.

Brookes (1980) considera, contudo, que, malgrado a abertura característica dos diversos campos de conhecimento, a Ciência da Informação necessita de fundamentos teóricos próprios que mostrem de forma significativa que seu domínio vai além da Filosofia, da Psicologia e da Neurobiologia, como condição necessária para reivindicar legitimamente a propriedade de seus problemas. Esse entendimento tem por base a compreensão de que existe um domínio disciplinar específico para Ciência da Informação, mas esta precisa desenvolver princípios e teorias próprias.

Mais recentemente, Le Coadic (1996) discute a emergência da Ciência da Informação no campo de conhecimentos composto pela Biblioteconomia, pela Museconomia, pela

Documentação e pelo Jornalismo. O desenvolvimento da produção e das necessidades de informações técnicas e científicas, a ampliação da indústria da informação e o surgimento das novas tecnologias de informação promoveram uma mudança epistemológica que impôs a emergência da Ciência da Informação. Nesse contexto, o autor fundamenta as relações com as disciplinas em três perspectivas. Primeiro, essas relações se estabelecem na sua origem vinculadas àquelas quatro disciplinas. Segundo, elas ocorrem no processo de cientificização do campo, que decorreu de estudos científicos realizados por pesquisadores externos ao campo e à profissão, como Psicologia, Sociologia, Economia, Informática e Telecomunicações. E, por fim, elas se vinculam aos problemas tratados na Ciência da Informação, que se encontram além das fronteiras das disciplinas tradicionais. Esse complexo de condições resultou no entendimento de que a Ciência da informação é uma dessas novas interdisciplinas que se organizam segundo um princípio de colaboração entre diversas disciplinas.

Além da participação de pesquisadores de diversas áreas, Saracevic (1992, 1995, 1996, 1999) compreende que a interdisciplinaridade na Ciência da Informação decorre da complexidade dos problemas nela tratados, que não podem ser equacionados no domínio de uma única disciplina. A estrutura interdisciplinar do campo resulta naturalmente das condições impostas pelo imperativo tecnológico e pela correlata evolução da sociedade da informação.

Apesar de reconhecer a existência de outras disciplinas com as quais a Ciência da Informação mantém relações disciplinares, Saracevic (1992, 1995, 1996) concentra seus estudos nas inter-relações com a Biblioteconomia, a Ciência da Computação, a Ciência Cognitiva e a Comunicação, por considerá-las mais significativas. A Biblioteconomia e a Ciência da Informação mantêm fortes relações que acontecem no compartilhamento do papel social que elas desempenham e decorrem da preocupação com a utilização eficaz dos registros do conhecimento. As diferenças entre elas se encontram na seleção e na definição dos problemas de pesquisa, nas respectivas agendas, nos paradigmas, nas metodologias e nas soluções teóricas e práticas adotadas.

Entre a Ciência da Informação e a Ciência da Computação, o autor considera como pontos centrais a aplicação dos computadores e a recuperação da informação, bem como os produtos e serviços de informação. A distinção entre os campos se encontra no foco, respectivamente, na natureza da informação e nos algoritmos.

A colaboração da Ciência Cognitiva, por sua vez, dá-se na compreensão dos processos cognitivos e das manifestações da mente, notadamente, na aplicação da Inteligência Artificial. Decorrente de sua característica interdisciplinar, a Ciência Cognitiva possibilita interações a partir de abordagens diversas, que incluem diferentes disciplinas, níveis e linhas (Inteligência Artificial Fraca e Inteligência Artificial Forte). O domínio de inter-relações se encontra focado na interação homem-computador.

As relações entre a Ciência da Informação e a Comunicação possuem, ainda segundo o autor, várias dimensões e se encontram no compartilhamento crescente de temáticas sobre a comunicação humana, tais como lacunas de conhecimento, colégios invisíveis, difusão de inovação, teoria da informação, teoria de sistemas e sociedade da informação. Essas relações vêm aumentando em decorrência do entendimento da necessidade de a *informação-como-fenômeno* e de a *comunicação-como-processo* serem estudadas de forma coordenada.

Segundo Pinheiro (1997, 1999), há uma grande quantidade de campos do conhecimento em que a informação desempenha papel estratégico, mas estes não a têm como objeto de estudo, o que redimensiona as relações estabelecidas ou, pelo menos, apontadas na literatura da Ciência da Informação. Ocorre que essas relações se desenvolvem mais no domínio da aplicação em atividades práticas em detrimento de construções teórico-metodológicas que sustentem e efetivem o processo interdisciplinar.

Pinheiro (2005a, 2005b) amplia seus estudos fazendo algumas observações, notadamente, no que concerne ao entendimento de algumas temáticas como disciplinas, a emergência de novos temas ou disciplinas no domínio do campo e a comparação dessa estrutura interdisciplinar com o quadro internacional. Nesse novo estudo, duas questões são fundamentais. Primeiro, a compreensão de que muitas construções consideradas interdisciplinares anteriormente correspondem a aplicações; e, segundo, as constantes mutações e transformações interdisciplinares por que vem passando o campo da Ciência da Informação são impulsionadas, sobretudo, pela ampliação das tecnologias de informação e comunicação e pelo estabelecimento da sociedade da informação.

A questão crítica apontada por Smith (1992), nesse contexto, diz respeito aos procedimentos adotados nesses estudos, destacando aqueles que têm por base mapeamentos de temáticas desenvolvidos a partir de estudos bibliométricos, tais como as análises de citação. O fato é que existe uma grande quantidade de trabalhos que se

constituem em meras listas das áreas que contribuem com a Ciência da Informação, não evidenciando nenhuma base teórico-conceitual que os sustentem.

Saracevic (2009), em um aprofundamento dos seus estudos, destaca a dificuldade de integração de duas subáreas que compõem o campo relacionadas à Biblioteconomia e à Ciência da Computação.

A complexidade do objeto de estudo corresponde a outro fundamento da interdisciplinaridade na Ciência da Informação. Com efeito, para Rendón Rojas (2008), do ponto de vista metodológico, o desenvolvimento de pesquisas em Ciência da Informação necessita recorrer a diferentes disciplinas em função da complexidade e da natureza diversa do fenômeno que estuda. São as várias facetas e perspectivas do objeto que promovem a busca de conhecimentos em outras áreas do conhecimento.

Nessa linha de entendimento, cada nova faceta acrescentada aos estudos da informação no campo da Ciência da Informação resultará, em maior ou menor medida, no estabelecimento de novas relações interdisciplinares, em processos crescentes de expansão e descentração. Se por um lado há essa abertura em virtude da multiplicidade de facetas, por outro, “não se encontra facilmente, por sua vez, a reflexão disciplinar objetivamente relacionada à constituição do seu objeto teórico” (KOBASHI; SMIT; TÁLAMO, 2001, p. 2). Com efeito, a Ciência da Informação, tomando como referência a proposta de ciência contemporânea, assume a interdisciplinaridade sem examinar claramente a sua trajetória disciplinar autônoma.

As possibilidades de relações interdisciplinares exigem essa postura crítica, uma vez que, ao mesmo tempo em que se coloca no campo da superação da hiperespecialização, exige a definição de contornos disciplinares que solidificam as particularidades dos campos nessa relação integrativa. Ademais, “o pensamento complexo conduz-nos a uma série de problemas fundamentais do destino humano, que depende, sobretudo, da nossa capacidade de compreender os nossos problemas essenciais, contextualizando-os, globalizando-os, interligando-os [...]” (MORIN, 2003, p. 29).

Kobashi e Tálamo (2003) apresentam quatro elementos que caracterizam as condições epistemológicas da Ciência da Informação: a pesquisa se desenvolve em torno da busca de soluções para problemas práticos; as fronteiras entre a ação teórica e a ação prática não estão delimitadas; sua metaligagem é rudimentar; e seus métodos se reduzem à aplicação de receitas. Diante desse quadro, colocam em questão, entre outras coisas, o

estabelecimento de relações interdisciplinares e transdisciplinares entre ela e outros campos sem o risco de sua dissolução.

Ainda segundo Kobashi e Tálamo (2003), as abordagens tradicionais sobre a interdisciplinaridade presentes na literatura da Ciência da Informação, que se encontram distanciadas da necessária reflexão sobre o processo histórico que caracteriza um campo de saber, desconhecem a identidade disciplinar como elemento necessário ao estabelecimento de diálogo com outras disciplinas.

Não se pode perder de vista que “no que se refere ao reconhecimento do desempenho das práticas **interdisciplinares**, ressaltamos que a identificação e a avaliação dessas práticas sofrem interferência direta dos processos que ao longo do tempo constituíram as práticas **unidisciplinares**” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ; DILL ORRICO, 2004, grifo das autoras).

Com efeito, considera-se, a partir de González de Gómez (2000), que pesquisas interdisciplinares bem estruturadas resultam na produção de conhecimentos disciplinares por intermédio da obtenção do excedente epistemológico, que pode ser reivindicado por uma das disciplinas cooperantes ou resultar na conformação de novo campo disciplinar. Essa última situação implica necessariamente a produção de um conhecimento que difere daqueles já produzidos pelas disciplinas cooperantes e, mais que isso, na organização de um domínio disciplinar relativamente autônomo.

4 DEFINIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

O conjunto dinâmico de procedimentos de análise de discurso, segundo Pêcheux (1990, 2009), visa à compreensão do funcionamento discursivo em sua dinâmica de produção material e socio-histórica. Para tanto, não se fixa na literalidade dos textos, mas na opacidade da materialidade discursiva. As palavras não têm um sentido vinculado à sua literalidade, na medida em que se portam como efeitos de sentido em condições enunciativas diferenciadas. Esse sentido se inscreve, portanto, nas formações discursivas, que são o seu lugar provisório. Todo enunciado está exposto ao equívoco da língua.

A análise de discurso se processa a partir da composição de um dispositivo de interpretação, que implica a correlação entre um referencial teórico e os procedimentos de análise. Dessa forma, esse dispositivo buscou desenvolver leituras partindo do dito ao não

dito que, segundo Orlandi (2001), dá-se a partir das pistas e vestígios naqueles inscritos, que, em sendo marcas formais para o analista, só interessam na relação destes com a materialidade discursiva, que promove a relação entre a língua e a história, em outros termos, entre a língua e a exterioridade.

Tratou-se, na presente pesquisa, de fazer falar a voz do silêncio e ouvi-la na relação com o já dito e o dizível, ou seja, de estabelecer a relação entre a memória discursiva preexistente e o intradiscurso. De forma mais precisa, os procedimentos de análise de discurso desenvolvidos procuraram remeter os textos na forma de enunciados ao discurso e esclarecer as relações deste com as respectivas formações discursivas, com o fundamento destas nas formações ideológicas. Houve, na processualidade dessa fase analítica, o estabelecimento de relações entre o já dito em outro lugar e momento (interdiscurso) com o que estava sendo dito (intradiscurso) (ORLANDI, 1998, 2001, 2005).

As análises desenvolvidas tiveram como base, o *corpus* de arquivo, uma vez que sua materialidade correspondeu ao conjunto de enunciados da produção científica sobre a epistemologia interdisciplinar. Nesse sentido, o primeiro procedimento metodológico foi definir o dispositivo de arquivo dessa produção. Esse dispositivo específico de arquivo foi constituído a partir da centralidade dessa produção científica identificada com base na combinação de *indicadores de autoria* e de *temáticas* obtidos na fase exploratória da pesquisa.

Dessa forma, a constituição do dispositivo específico de arquivo se deu a partir de 4 (quatro) recortes do arquivo geral dos artigos dos periódicos brasileiros *Ciência da Informação*, *Data Grama Zero – Revista de Ciência da Informação*, *Encontros Bibli - Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, *Informação e Sociedade: Estudos, Perspectivas em Ciência da Informação* e *Transinformação*, no período de 1990 a 2008.

O *corpus* analítico foi formado por artigos que se encontram na intercessão entre os maiores índices de produtividade de autor (7 a 14 artigos) e dos eixos temáticos (*Aspectos Teóricos e Gerais da Ciência da Informação*; *Formação Profissional e Mercado de Trabalho*; e *Comunicação, Divulgação e Produção Editorial*), perfazendo um total de 83 (oitenta e três) artigos.

A composição do *corpus* discursivo foi efetivada com a extração de enunciados desses artigos, em um processo analítico de descrição e interpretação, tomando como referência as categorias analíticas presentes no dispositivo teórico. Além disso, as

seqüências discursivas (SD) foram sistematizadas e expressas em formato alfanumérico, como, por exemplo, a **SD 4.14.3** (*recorte 4, artigo 14 e SD 3*), que também pode ser lida da seguinte forma: a SD 3 (três) do artigo 14 (quatorze) que compõe o conjunto de artigos do recorte 4 (quatro).

5 A DINÂMICA DO CAMPO CIENTÍFICO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: REFLEXOS DA INTERDISCIPLINARIDADE

Os discursos sobre a interdisciplinaridade na Ciência da Informação, considerando as diversas formações discursivas e os interdiscursos, produzem uma série de efeitos de sentido em diversos espaços epistemológicos, desde a constituição de seu objeto de estudo à compreensão mais ampla do processo do campo disciplinar. Estes assumem efeitos de sentido de integração e sustentam práticas que têm implicações diversas no processo de consolidação do domínio epistemológico, na medida em que “[...] um dos pressupostos mais conhecidos é o de que *a ciência da informação é um campo interdisciplinar, realizando-se em vários círculos científicos*” (**SD 1.6.1**).

As perspectivas de desenvolvimento da Ciência da Informação demonstram a pluralidade epistemológica, que promove flutuação teórico-metodológica e, complementarmente, o crescente movimento de descentração. Conforme a **SD 1.8.5**, “a seus praticantes, de uma forma ou de outra, é conferida alguma *legitimidade para atuar na busca, análise e uso de informações referentes a distintas áreas do conhecimento*. Em especial, no caso do estudo requerer destacada interdisciplinaridade que acaba por exigir a reunião de indivíduos com diferentes formações intelectuais”.

4.1 O PLURALISMO EPISTEMOLÓGICO

A multiplicidade e a complexidade dos problemas tratados produzem efeitos de cobertura e integração das diversas facetas do objeto complexo da informação, mas concorrem cada vez mais para o estabelecimento do pluralismo epistemológico que, associado diretamente à necessidade de promover a interdisciplinaridade, mantém a dificuldade de integração apontada por diversos autores, tais como Wersig e Neveling (1975), Saracevic (1999, 2009) e Zins (2007b), como característica do campo da Ciência da

Informação. Nesse sentido, “[...] a CI é interdisciplinar por ser uma ciência social, pelo fato de a informação ser um produto que resulta das ações dos homens nela se encontra presente aspectos históricos, políticos, econômicos e sociais, torna-se necessário examinar a informação por diferentes focos” (SD 1.2.11).

Segundo Ingwersen (1992a), o pluralismo metodológico decorre das exigências impostas pela multiplicidade e pela complexidade dos problemas tratados pela Ciência da Informação. Não se pode perder de vista que esse pluralismo promove o que o autor denominou de “inchaço conceitual” no campo da Ciência da Informação e naqueles a ele relacionados. Esse estado epistemológico é evidenciado na SD 1.11.13, ao destacar que “[...] os estudos e pesquisas que tratam sobre a interdisciplinaridade acabam por reconhecer que ‘[...] a Ciência da Informação incorpora muito mais contribuições de outras áreas, do que transfere para essas um corpo de conhecimentos gerados dentro de si mesma’”.

A interdisciplinaridade tem uma perspectiva de ampliação do campo de visão, mas, por outro lado, faz-se necessário partir de um ponto conceitual, teórico e metodologicamente delimitado (MORIN, 2003).

O discurso interdisciplinar pluralista intimida a identidade da Ciência da Informação porque ele é colocado em uma perspectiva a-histórica naturalizante e em uma filosofia reflexivo-idealista do fenômeno informacional, não permitindo a emergência das condições disciplinares em que essa interdisciplinaridade acontece. Essa constatação faz parte do contradiscurso em torno da interdisciplinaridade. O fato é que, “quando são analisados os resultados dos estudos empíricos e teóricos que buscaram identificar o núcleo interdisciplinar da Ciência da Informação, pode-se constatar que, até mesmo aqueles recentemente divulgados [...] acabam muito mais por indicar as *áreas visitadas pela Ciência da Informação* e das quais incorpora ou poderá incorporar conhecimentos, o que indica a necessidade de uma certa cautela em afirmações no que tange a definições muito positivas quanto à indicação de disciplinas fronteiriças como integrantes do seu núcleo principal” (SD 1.11.14).

As práticas interdisciplinares apresentam exigências que dificultam a sua exequibilidade entre algumas produções disciplinares. Essa dificuldade é ampliada no campo da Ciência da Informação em decorrência da pluralidade de condições epistemológicas que passam a compor o quadro com o acréscimo de novas disciplinas. O fato é que “como podemos observar, *discordância quanto aos fundamentos e relações inter e*

multidisciplinares fazem com que as concepções e a literatura sobre ciência da informação originem-se de correntes de pensamento heterogêneas, algumas até mesmo dicotômicas, rumo à construção teórica” (**SD 1.23.23**). Pode-se considerar, a partir de Zins (2007a, b, c, d), que o domínio epistemológico da Ciência da Informação ainda padece de uma incomensurabilidade entre conceitos, teorias e métodos, que se torna mais evidente entre a “abordagem centrada no usuário” e a “abordagem centrada no sistema” (SARACEVIC, 1997, 1999, 2009).

A pluralidade epistemológica na Ciência da Informação a situa em um espaço indefinido entre as noções de Ciência da Informação em sentido amplo, e a Ciência da Informação em sentido estrito (DIAS, 2000, 2002). O que diferencia uma da outra é que na primeira noção cada disciplina é compreendida na sua individualidade e, no conjunto, compõem um campo amplo de conhecimento, ao passo que, na segunda concepção, as disciplinas são consideradas a partir de uma síntese formando um subsistema daquela concepção pluridisciplinar.

O pluralismo contribui, por um lado, com a flutuação, e, por outro, com a dispersão, que dificultam o processo de integração disciplinar. Com efeito, nesses dois movimentos, há a força das disciplinas já consolidadas que promovem o processo de descentração vinculada, notadamente, à prática científica nas fronteiras das disciplinas concorrentes. Como destaca a **SD 1.13.2**, “[...] sob a égide da interdisciplinaridade, *o campo da informação se vê refletido em quadros teóricos de campos de conhecimento institucionalizados*, submetendo-se à imposição de critérios disciplinares estranhos e nem sempre adequados aos seus objetivos específicos”. Essa é uma questão silenciada no discurso da interdisciplinaridade que, por vezes, emerge na forma de contradiscurso.

4.2 A DESCENTRAÇÃO INTERDISCIPLINAR

O campo da Ciência da Informação apresenta como condição epistemológica o pluralismo de conceitos, abordagens, teorias e metodologias e, por conseguinte, a dificuldade de integração disciplinar. Dessa forma, considera-se, a partir de Japiassu (1976), que seus programas interdisciplinares devem ser mais direcionados às modalidades que promovam a integração de seus elementos internos.

Essas condições epistemológicas evidenciam que “[...] pesquisar sobre informação, sistemas e interdisciplinaridade é penetrar em um mundo labiríntico de critérios e conceitos, de variáveis e métodos que se *alternam conforme a perspectiva do pesquisador*, como num caleidoscópio, numa *formação de imagens que se sobrepõem constantemente*” (**SD 1.7.15**).

A partir de Pombo (2003), observa-se que a interdisciplinaridade na Ciência da Informação vem sendo praticada a partir do fundamento que tem como horizonte o alcance do abismo da complexidade do objeto material informacional. O discurso da interdisciplinaridade tem como vetor a busca de fundamentos em outras áreas de conhecimento para alcançar a complexidade do objeto. Segundo a **SD 1.7.9**, “uma determinada questão ou problema suscita a contribuição de diferentes disciplinas, mas *essas contribuições são deslocadas de seu campo de origem e entrecruzam-se num outro lugar – em um novo lugar. São esses deslocamentos e entrecruzamento – esse transporte teórico – que provocam uma iluminação e uma outra configuração da questão tratada*”.

A prática da descentração decorre, segundo Pombo (2003), da necessidade de abordar problemas complexos que não são possíveis ser tratados no interior das disciplinas tradicionais. O fato é que as práticas de descentração não têm uma disciplina como ponto de partida, da mesma forma como não têm um ponto de chegada. Essas práticas se desenvolvem em uma constante flutuação teórico-metodológica. Refere-se a um polícentro de disciplinas que possibilita a emergência de aglomerados interdisciplinares. Conforme considera a **SD 1.3.5**, “os contornos da ciência da informação no Brasil também foram *mudando, alargando-se, recontextualizando-se*. Novos profissionais foram agregando-se à área. *Novas propostas epistemológicas e metodológicas* foram adicionadas de forma a compor um *quadro complexo e difuso*, idealmente sem fronteiras demarcadas de forma nítida, sem núcleos constritores e preestabelecidos multi, trans e interdisciplinares na intenção e na prática”.

A interdisciplinaridade na Ciência da Informação é carente de um programa metodológico que, segundo Pombo (2003), tem por fundamento o rigor correspondente à convivência equilibrada entre a especialização necessária e os movimentos interdisciplinares. Isso fica bastante evidente nos contradiscursos que colocam a prática disciplinar sob crítica. Conforme a **SD 2.24.8**, “a alta proporção de ‘noções emprestadas’ é reveladora, a nosso ver, de uma *interdisciplinaridade formal, que não reflete uma*

interdisciplinaridade real mas um 'empréstimo' de termos de outras áreas, sem que haja uma adaptação, ou customização, dos conceitos aos propósitos da área".

A epistemologia interdisciplinar, nas condições epistemológicas do campo científico, centra sua produção na inovação, que, a um só tempo, não chega ao espaço da tradição e mantém-se na transiência do espaço inovador. Essa prática é, porém, mantida no discurso da interdisciplinaridade da Ciência da Informação como uma questão da própria dinâmica da ciência. "Na realidade, a interdisciplinaridade fundamenta o avanço das ciências, pois o conhecimento científico subentende *transformações, passagens de uma teoria para outra*, ressaltando o *caráter evolutivo das ciências* e seu estado de permanente *'ebulição'*" (**SD 1.28.3**). Se, por um lado, o positivismo centrado na unidade metódica promove a paranoia epistemológica, por outro, o anarquismo metodológico acarreta no esquizofrenismo epistemológico (RENDÓN ROJAS, 2008).

Longe de designar a complementaridade apontada por Saracevic (1995, 1996), a interdisciplinaridade, na Ciência da Informação, apresenta característica de ciência imperialista, na medida em que procura importar conceitos, teorias e metodologias das disciplinas que se apresentam como auxiliares no estudo do fenômeno informacional. Os arranjos discursivos expressam que "[...] a exigência interdisciplinar impõe a cada *especialista que transcenda sua própria especialidade*, tomando consciência de seus próprios limites, para *acolher as contribuições das outras disciplinas*. Uma epistemologia da complementaridade, ou melhor da convergência, deve, pois, substituir a da dissociação" (**SD 1.4.20**).

Isso implica que cada novo pesquisador que ingressa no campo de estudo se traduz em novos acréscimos conceituais, teóricos, metodológicos e, possivelmente, em novas relações interdisciplinares. Esse estado de coisas, conforme Brookes (1980), coloca a Ciência da Informação no limbo filosófico, dificultando a coordenação das práticas integradoras.

O processo de abertura do campo da Ciência da Informação é também correlacionado com a passagem da perspectiva interdisciplinar endógena para a exógena. Segundo a **SD 1.12.6**, "[...] a passagem dos modelos internalistas – os quais consideram as áreas do conhecimento e suas relações a partir de questões emergentes na própria comunidade científica, estabelecendo-se figuras endógenas da interdisciplinaridade, para a elaboração de modelos mais complexos que focalizariam *novas configurações de uma interdisciplinaridade exógena*, constituída à luz de problemas emergentes na sociedade e

suas necessidades práticas”. Aliando-se à perspectiva exógena, “os estudos teóricos do campo da informação incumbem-se menos de interpretar os mecanismos internos da área do que examinar suas funções externas, subsidiárias de outras disciplinas ou áreas de conhecimento, comumente associadas à preservação da cultura e do conhecimento” (KOBASHI; SMIT; TÁLAMO, 2001, p. 1).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto contemporâneo, desde as estruturas socio-históricas mais amplas às práticas científicas e profissionais, aponta para a fluidez das constantes mudanças interdisciplinares, que assumem um caráter muito forte de pontualidade e transitoriedade. Essas condições epistemológicas se tornam problemáticas para aqueles campos de conhecimento que se encontram em fase de construção de sua identidade disciplinar.

Ao se colocar como essencialmente interdisciplinar, nesse campo vasto, a Ciência da Informação invoca a complexidade e cria assimetria em relação à sua capacidade teórico-metodológica. Além de os pesquisadores serem de diferentes áreas de conhecimento, o que por si só já estabelece a multiplicidade de condições, há a questão do objeto material que é abordado em diversos campos de conhecimento.

O fato é que a ampliação do campo de estudo se apresenta como uma exigência das novas condições de produção amplas em detrimento do estabelecimento de programa disciplinar específico. Acompanhando a adição de novas abordagens, há a ampliação dos próprios conceitos e da estrutura do campo da Ciência da Informação como um processo natural da prática interdisciplinar. Essa abordagem tem por fundamento a pretensão de acomodar diversas áreas de conhecimento que se dedicam ao estudo da informação em suas diversas facetas. Trata-se de um efeito do imperialismo científico da Ciência da Informação.

A pluralidade promove a flexibilização e o alargamento do campo para acomodar os diversos pontos de vista que resultam no desenho do campo sustentado pela epistemologia interdisciplinar: domínio epistemológico amplo (PINHEIRO, 1997, 1999), produção nas “bordas” (WHITE; MACCAIN, 1998), pluralismo epistemológico e importação de metodologia e teorias (CAPURRO, 2003), e difícil integração dos elementos internos (SARACEVIC, 1999, 2009).

Todas aquelas características epistemológicas podem ser consideradas positivas no que concerne à consolidação do campo disciplinar, desde que sejam resultado de práticas científicas orientadas por teorias e metodologias integradoras, dentro de um rigor exigido.

REFERÊNCIAS

BORKO, H. Information Science: whats is it? **American documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, jan. 1968.

BROOKES, B. C. The foundations of information science. **Journal of Information Science**, Amsterdã, v. 2, n. 3/4, p. 125-133, 1980.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003. 1 CD-ROM.

FOSKETT, D. J. Ciência da Informação como disciplina emergente: implicações educacionais. In: GOMES, H. E. (org.). **Ciência da Informação ou Informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 52-69.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. As relações entre ciência, Estado e sociedade: um domínio de visibilidade para as questões de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 60-76, jan./abr. 2003a. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/131/112>>. Acesso em: 21 abr. 2012.

_____. Escopo e abrangência da Ciência da Informação e a pós-graduação na área: anotações para uma reflexão. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 31-43, jan./abr. 2003b. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewissue.php?id=2>>. Acesso em: 28 abr. 2012.

_____. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. **DataGramZero – revista de Ciência da Informação**, v. 1, n. 6, out. 2000. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez00/Art_03.htm/>. Acesso em 28 abr. 2012.

_____; DILL ORRICO, E. G. As políticas das configurações disciplinares dos conhecimentos: repercussões nas políticas de informação e nas práticas de avaliação. **Data grama zero – revista de Ciência da Informação**, v. 5, n. 6, dez. 2004. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez04/Art_04.htm>. Acesso em: 15 maio 2011.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 220p.

KOBASHI, N. Y.; SMIT, J. W.; TÁLAMO, M. F. G. M. A função da terminologia na construção do objeto da Ciência da Informação. **Data grama zero – revista de Ciência da Informação**, v. 2, n. 2, p. 1-8, abr. 2001. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr01/Art_03.htm>. Acesso em: 15 jun. 2012.

KOBASHI, N. Y.; TÁLAMO, M. F. G. M. Informação: fenômeno e objeto de estudo da sociedade contemporânea. **Transinformação**, Campinas, v. 15, edição especial, p. 7-21, set./dez. 2003. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewissue.php?id=5>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

LE COADIC, Y. **A Ciência da Informação**. Brasília, DF: Brinquet de Lemos/Livros, 1996. 119p.

MORIN, E. Da necessidade de um pensamento complexo. In: SILVA, J. M. (Org.). **Para navegar no século XXI**. 3. ed. Porto Alegre: Meridional, 2003. p. 19-42.

OLIVEIRA, M. **A investigação científica na Ciência da Informação**: análise da pesquisa financiada pelo CNPq. 1998. 201f. Tese (Curso de Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

_____. Origens e evolução da Ciência da Informação. In: OLIVEIRA, M. (Coord.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia**: novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: EdUFMG, 2005. Cap. 1, p. 9-28.

ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001. 100p.

_____. Introdução: a leitura proposta e os leitores possíveis. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **A leitura e os leitores**. Campinas: Pontes, 1998. p. 7-24.

_____. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. **Estudos da língua(gem)**, Vitória da Conquista, n. 1, p. 9-13, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.cpelin.org/estudosdalinguagem/n1jun2005/artigos/orlandi.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2012.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes, 1990. 65p.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. 4. ed. Campinas, SP: Ed Unicamp, 2009. 287p.

PINHEIRO, L. V. R. **A Ciência da Informação entre sombra e luz**: domínio epistemológico e campo interdisciplinar. Rio de Janeiro, 1997. 278f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

_____. Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. In: PINHEIRO, L. V. R. (org.). **Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade**. Brasília: Rio de Janeiro: IBICT/DDI/DEP, 1999. p. 155-182.

_____. Gênese da Ciência da Informação: os sinais enunciadores da nova área. In: AQUINO, M. A. **O campo da Ciência da Informação**: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002. p. 61-86.

_____. Evolução e tendências da Ciência da Informação no exterior e no Brasil: quadro comparativo a partir de pesquisas históricas e empíricas. In: ENCONTRO NACIONAL DE

PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, UFSC, 2005a.

_____. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da Informação.

Informação e sociedade: estudos, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 13-48, jan./jun. 2005b.

Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/51/1521>>. Acesso em: 13 maio. 2012.

POMBO, O. Epistemologia interdisciplinar. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINARIDADE, HUMANISMO, UNIVERSIDADE. Porto, 2003. **Anais...** Porto, 2003. p. 1-29. Disponível em: <http://www.humanismolatino.online.pt/v1/pdf/C002_11.pdf>. Acesso em: 16 set. 2008.

RENDÓN ROJAS, M. A. La Ciencia de la Información en el contexto de las Ciencias Sociales y Humanas. Ontología, epistemología, metodología e interdisciplina. **Data grama zero – revista de Ciência da Informação**, v. 9, n. 4, ago. 2008. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/ago08/Art_06.htm>. Acesso em 15 maio. 2012.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origens, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235/22>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

_____. Information Science. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 50, n. 12, p. 1051-1063, 1999.

_____. Information Science: origen, evolution and relations. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. **Conceptions of Library and Information Science: historical, empirical and theoretical perspectives**. London: Taylor Graham, 1992. p. 5-27.

_____. Interdisciplinary nature of Information Science. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, 1995. Disponível: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/530/482>>. Acesso em: 13 jun. 2012.

_____. Users lost: reflections on the past, future, and limits of Information Science. **SIGIR forum**, v. 31, n. 2, p. 16-27, 1997. Disponível em: <<http://comminfo.rutgers.edu/~tefko/articles.htm>>. Acesso em: 19 fev. 2010.

SHERA, J. H.; CLEVELAND, D. B. History and foundations of Information Science. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 12, p. 249-275, 1977.

SMITH, L. C. Interdisciplinarity: approaches to understanding Library and Information Science as an interdisciplinary field. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. **Conceptions of Library and Information Science: historical, empirical and theoretical perspectives**. London: Taylor Graham, 1992. p. 253-267.

WERSIG, G. Information Science: the study of postmodern knowledge usage. **Information processing & management**, v. 29, n.2, p. 229-239, 1993.

_____. Information Science and theory: a weaver bird's perspective. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. **Conceptions of Library and Information Science: historical, empirical and theoretical perspectives**. London: Taylor Graham, 1992. p. 201-217.

_____; NEVELING, U. The phenomena of interesting to Information Science. **Information scientist**, v. 9, n. 4, p. 127-140, dec. 1975.

WHITE, H. D.; MCCAIN, K. W. Visualizing a discipline: an author co-citation analysis of Information Science, 1972-1995. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 49, n. 4, p. 327-355, 1998.

ZINS, C. Classification schemes of Information Science: twenty-eight scholars map the field. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 58, n. 5, p. 645-672, 2007a.

_____. Conceptions of Information Science. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 58, n. 3, p. 335-350, 2007b.

_____. Conceptual approaches for defining data, information and knowledge. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 58, n. 1, p. 479-493, 2007c.

_____. Knowledge map of Information Science. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 58, n. 4, p. 526-535, 2007d.